

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
QUE
MATASTE

Tradução de
Tânia Anica

alma
dos livros

Para Astrid

1

A CARTA

Tiraram-lhe tudo. Numa questão de dias, o mundo de Craig Brafford havia sido despedaçado, virado do avesso e rasgado em pedacinhos irreconhecíveis, pintados em tons de pesadelo.

Cerca de meia dúzia de polícias tinham-lhe vasculhado a casa, à procura de sabe-se lá o quê, não pouparam nada e destruíram tudo por maldade. Agora a casa estava vazia, a porta da frente destrancada, um convite para que os bandidos das redondezas a saqueassem e a ocupassem assim que a notícia da sua prisão aparecesse no noticiário da noite. Implorara ao seu advogado, o muito bem-sucedido Lamar Goodridge, para passar por lá e a trancar, talvez até ligar o sistema de alarme.

– Não faz parte das minhas funções – respondera calmamente o homem, num tom baixo, frio e carregado de desprezo. – Neste momento já mal consegue pagar os meus serviços – acrescentou, enquanto olhava para o relógio de ouro que lhe adornava o pulso. Cobrava novecentos dólares por hora e Craig ter-lhe-ia pago de bom grado pelo tempo despendido, mas Goodridge nunca deixaria que o vissem como alguém que se preocupava com os seus clientes ou a fazer-lhes algum recado.

Humilhado, Craig baixou a cabeça, não voltou a mencioná-lo e encolheu-se, impotente, ao pensar na sua bela casa, invadida por

hordas de lixo das ruas. Goodridge aceitara o seu caso mediante um avultado adiantamento dos seus honorários, o que tinha esvaziado as contas bancárias de Craig. No entanto, Goodridge continuava a franzir a testa quando olhava para ele, como se a visão do recluso num macacão cor de laranja fosse de algum modo ofensiva, como se nunca tivesse visto um presidiário. Talvez estivesse a ponderar se Craig seria capaz de pagar as custas judiciais assim que a sua provação terminasse, ou então a tentar adivinhar se o seu cliente o tinha feito ou não, embora Goodridge tivesse começado por dizer, no primeiro encontro:

– Não me interessa se é inocente. Seja como for, merece a melhor defesa que o dinheiro pode comprar. *O seu dinheiro*, claro está. Caso contrário... – Deixou as palavras a pairar no silêncio, acompanhadas por um encolher de ombros e um gesto da mão que revelavam a sua indiferença para com todas as pessoas potencialmente inocentes que perderão a sua liberdade por não conseguirem pagar uma representação legal decente e apenas por essa razão: não serem suficientemente ricos. Ainda que sejam inocentes.

Era presunçoso, o seu advogado. Raramente aceitava casos *pro bono* e, quando o fazia, representava apenas réus de Sunnyside, o bairro onde nascera e crescera numa pobreza extrema. Denominava a sua preferência não oficial como «uma homenagem à sua ancestralidade». Fosse *pro bono* ou não, o seu olhar inquisidor perfurava até ao âmago de quem se sentava à sua frente e havia pouco que ele não visse. Provavelmente, era por isso que podia cobrar tanto ou que raramente tinha perdido um caso.

O adiantamento dos honorários não deixara dinheiro para pagar a fiança; Craig tinha ficado sem um tostão, nem em dinheiro nem a crédito. A fiança, fixada em quinhentos mil dólares, poderia bem ter sido cinco milhões. Demasiado orgulhoso, e com vergonha de pedir ajuda às pessoas abastadas que conhecia, preparou-se para semanas de encarceramento. Com uma rápida pancada do martelo do juiz, foi preso preventivamente, enquanto o seu advogado encolhia os ombros perante as suas inquietações acerca do tempo que teria de passar atrás das grades, a aguardar julgamento. De seguida, foi transportado para a Prisão do Sudeste de Houston, onde ficou preso em regime comum, com a restante população prisional.

Assumira que *inocente até prova em contrário* se aplicaria, de alguma forma, ao seu tempo na prisão. Tinha-se enganado redondamente. Expedito e eficiente como um tapete rolante, o sistema despojara-o da sua restante dignidade, revistando-o e examinando-o, infligindo dor física sempre que não estivesse alinhado e cravando-lhe um número sem perder um segundo a considerar a sua presumível inocência.

Ele era agora o prisioneiro número 533719.

O número ressoava na sua mente, refrão obsessivo de uma canção inexistente que não lhe saía da cabeça, epítome da sua dignidade perdida, da sua identidade que se anulava e da sua liberdade adiada. Pálido, com as entranhas emaranhadas num nó de angústia e medo permanentes, mantivera a cabeça baixa e aguentara-se, dia após dia, esperando, desejando, recitando aquele *mantra* inevitável que havia enleado o seu cérebro revoltado.

533719.

Era o que ele era agora. *Tornara-se*, relutantemente, o 533719, percebendo rapidamente que isso era bem melhor do que retaliar ou rejeitar a sua nova realidade, com os seus inúmeros insultos e danos, em nome de um princípio que parecia só ter valor nos filmes. Não havia cá inocente até prova em contrário. Na prisão, ele era culpado. Nada mais. Ninguém se importava enquanto apodrecia naquele buraco, esquecido por todos, consumido pela raiva e pela vergonha.

Ele estar ali... não era suposto. Ele, não. Nunca.

Não tinha sido feito para aquilo. O seu porte atlético, mas esguio, de um metro e oitenta, não era uma prova das horas gastas a levantar pesos no ginásio, como a maioria dos seus companheiros de prisão. As suas mãos, finas, magras, com dedos longos e unhas limpas, atestavam o seu estatuto de «colarinho branco» que ele tanto trabalhara para alcançar. A sua testa alta e cabelos penteados para trás, as belas feições e olhos cor de avelã, intensos, caracterizavam-no como um homem carismático e atraente, qualidade que sempre tinha valorizado, mas que começara a temer desde que tinha posto os pés na Prisão do Sudeste de Houston.

Ali, o denominador comum era o medo. Um medo primário, animalesco, incessante.

Contudo, tinham-se passado três semanas, de alguma forma, com uma enervante lentidão, enquanto aprendia a responder quando o chamavam «sete-um-nove» ou «recluso». Descobriu que alguns guardas eram apenas pessoas normais, a fazer a sua vida, enquanto outros tinham prazer em infligir dor aos prisioneiros sob a sua alçada, como E. Mellor, um guarda prisional com um metro e noventa e cinco, cento e trinta e seis quilos, um brilho sádico no olhar e um sorriso que arrepanhava os lábios sobre os dentes cerrados, como o rosnar de um predador. Por vezes, Mellor passava a mão sobre a ponta do seu cassete de borracha, num gesto obsceno que não prometia nada de bom ao preso que não pusesse os olhos no chão e não lhe pagasse. O guarda E. Mellor – sabe-se lá o que significava o E. na sua placa de identificação – tinha ficado com os últimos míseros dólares que ele tinha consigo no dia em que foi detido e continuara a exigir mais de uma fonte que já havia secado.

Ao menos naquela noite Mellor estava longe da vista; o guarda que patrulhava os corredores era um homem hispânico mais velho, N. Chavez de seu nome. A sua pele escurecera, fruto dos anos em que fumara o tabaco mais barato que houvesse, e a sua pança, que lhe esticava a camisa ao ponto de os botões dispararem como se fossem sementes de melancia cuspidas, denunciava a cirrose que teria num futuro próximo. As olheiras e um bigode manchado e grisalho completavam o retrato do único guarda que ainda não lhe tinha posto as mãos em cima, desde que havia sido engaiolado ali. Os outros, e Mellor mais que os restantes, já o haviam empurrado contra a parede ou acertado na zona dos rins com o cassete, só para lhe explicar como é que as coisas funcionavam por ali. Só porque sim.

Uma comunicação via *walkie-talkie*, distorcida, soou da lapela de Chavez. Este respondeu rapidamente com um código numérico; depois foi direitinho à cela de Craig, com um suspiro e um ar de frustração estampado no rosto.

Craig levantou-se e aproximou-se das grades, agarrando-as com as mãos frias, suadas e trémulas.

– Mãos – disse Chavez, esperando que ele se virasse e colocasse as mãos através de uma abertura nas grades. A seguir, cravou umas

algemas nos pulsos de Craig. O toque do metal frio dava-lhe arrepios na espinha. – O seu advogado está aqui para o ver. – acrescentou Chavez.

Craig arregalou os olhos.

– Agora? – perguntou. Goodridge estivera lá naquela manhã, para o preparar para o dia seguinte em tribunal, o terceiro dia do julgamento.

Chavez encolheu os ombros. Agarrou-o pelo braço, escoltou-o para fora da cela e através do corredor, em direção a uma das salas de visita.

– Porque é que está cá dentro?

– Não fiz nada, juro – respondeu, com uma voz triste, derrotada.

Uma gargalhada enorme irrompeu da cela por que iam a passar.

– Outro inocente atirado para a cadeia! – anunciou ruidosamente uma voz gutural, com forte sotaque guatemalteco. Toda a secção começou imediatamente a berrar, a gritar obscenidades e a rir-se à sua custa.

– Aqui ninguém é culpado – disse Chavez, com uma enorme dose de sarcasmo na voz. – Nem aqueles que aceitam acordos de culpa. – Lançou-lhe um olhar de soslaio, depois encolheu os ombros, como se tivesse decidido não se importar mais com ele.

– Homicídio – disse Craig, baixando a voz. – Dizem que matei...

– OK, para aqui – disse Chavez, empurrando-o gentilmente para dentro da sala. A porta apitou e trancou-se ao fechar-se atrás deles.

Um homem, vestido com um fato à medida e sapatos caros, levantou-se de imediato quando ele entrou.

Craig virou-se para Chavez e disse:

– Este não é o meu advogado.

Chavez fitou-o e depois agarrou o seu *walkie-talkie*. O advogado parou-os com um gesto de mão.

– Não é um erro. Arthur Flanagan, advogado especializado em direito imobiliário – disse ele, tirando um cartão de visita da sua carteira e entregando-lho. Depois, destrancou a sua pasta e abriu-a.

– Tenho uma carta para si. – Pegou num envelope almofadado, espesso, e deu-o a Craig, mas foi Chavez quem o agarrou, num gesto rápido e determinado.

– Tenho de verificá-lo antes que possa ler. É o procedimento.

O advogado permaneceu de pé, impaciente, à espera, exalando uma fragrância fresca, pós-barbear, que inundou as narinas de Craig, lembrando-o do que lhe era usual e perdera. Advogado de direito imobiliário? Mas que imóveis? Algum dos seus pais tinha morrido?

Chavez puxou a aba e abriu o envelope.

– De quem é? – perguntou o preso.

Os olhos do advogado focaram-se imediatamente na sua pasta aberta. Talvez tivesse um bloco de notas lá.

– Andrea Wilmore Brafford – respondeu calmamente. – Para lhe ser entregue na eventualidade da sua morte.

Faltou-lhe o ar. Tentou falar, perguntar-lhe quando é que ela lhe dera aquela carta, mas tinha a boca seca e saiu-lhe apenas um suspiro, rouco e abafado. Deu um passo e tentou tocar no braço do advogado, mas este recuou. Chavez agarrou-o pelo cotovelo e ele estacou, colado ao chão, a cara branca como a neve.

– Tenha calma, sim? – Chavez soltou-lhe o braço e retirou umas quantas páginas de dentro do envelope, muito bem datilografadas e dobradas. Inspeccionou-as rapidamente e depois entregou-lhe a carta.

Antes que Craig começasse a lê-la, o guarda espreitou para dentro do envelope.

– Está aqui mais uma coisa – disse Chavez, virando o envelope ao contrário e sacudindo-o.

Um pendente num fio de prata tilintou suavemente ao cair do envelope e aninhou-se na mão do guarda. Assim que Craig reconheceu as pedras azuis, foi invadido por uma onda de náuseas, que embateu no seu estômago enquanto a sala começou a andar à roda. *Não, isto não está a acontecer*, os pensamentos num turbilhão. *Não pode ter acontecido. Eu ainda me lembro do que fiz. Eu sei o que não fiz.*

– É bonito – disse o guarda, cerrando a mão à volta do pendente –, mas não pode ficar com isto; sabe quais são as regras.

– Não... Não... Por favor, deixe-me segurá-lo por um minuto – suplicou, a gaguejar, com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto. – Deixe-me ter a certeza de que é...

– OK, mas é mesmo só por um minuto, e mais nada – disse Chavez, enquanto abria a palma da mão com relutância e soltava um suspiro profundo, com cheiro a mostarda, cebola e tabaco rasca.

Hipnotizado, Craig acariciou, com dedos trémulos, o fio, o fecho estragado; depois passou o polegar sobre a pedra central do pendente, como fizera tantas vezes no passado. Engoliu em seco, ainda com o olhar fixo no pequeno objeto aconchegado na mão sapuda do guarda. Era real. O pesadelo era real.

O suor despontou das raízes do seu cabelo e escorreu-lhe pela cara. Levantou as mãos, algemadas, para limpá-la e reparou na carta que ainda segurava, sem pensar.

Sem conseguir respirar, percorreu as páginas, à procura de qualquer coisa que desse algum sentido a tudo aquilo, que desse resposta às suas perguntas. Não havia nada, até chegar à última página, onde o último parágrafo esclarecia tudo com meia dúzia de palavras simples e paralisantes.

A rapariga que mataste está a olhar por ti do paraíso, a relaxar, nas nuvens, com uma margarita na mão, e a desejar que tenhas tudo o que mereces nesta vida depois de ela se ter ido. Adeus, meu amor. Foste o tal.

O sangue subiu-lhe à cabeça numa onda de raiva, com o coração a mil, de punhos cerrados com tanta força que os dedos estalaram, a última página amachucada e manchada de suor, enquanto caía ao chão.

– Não, Andi... Não... Não me fizeste isto... – sussurrou.

De olhos postos no vazio, como um animal ferido e em pânico, jogou-se à porta trancada e começou a bater com as mãos contra o vidro aramado, sujo, as algemas a cravarem-se-lhe na carne.

– Deixem-me sair! – gritou. – Eu não matei a minha mulher. Juro que não fui eu... – Repetiu-o vezes sem conta, com a voz a tremer, derramando lágrimas de raiva, de sentimento de impotência e desespero. A única resposta foi a dos outros presos, a bater contra as grades de aço, numa ressonância rítmica e surreal, abafada apenas pela porta trancada.

– Ei, para com isso! – gritou Chavez, mas Craig não ouviu. Continuou a esmurrar a porta e aos pontapés, a deixar os nós dos dedos em sangue contra o metal riscado, a implorar e a pedir ajuda.

Incapaz de pensar com clareza, nem reparou nas lágrimas que lhe corriam cara abaixo.

Chavez apertou o botão do *walkie-talkie* que estava no seu peito.

– Preciso de ajuda aqui. – Depois, apanhou as páginas da carta, espalhadas pelo chão, e voltou a pô-las no envelope, bem como o pendente, antes de dobrá-lo e colocá-lo no bolso da camisa. – O procurador-geral vai precisar de ver isto. É uma prova.

As palavras do guarda atingiram-no em cheio como um murro, mas continuou a bater com todas as forças na porta, sob o olhar dececionado de Chavez e o olhar desagradado do advogado, até que se deixou cair de joelhos, sem forças, soluçando tanto que não conseguia respirar.

– Eu não a matei, juro... – disse, fraquejando, engasgado e ofegante. – Eu não...

Chavez aproximou-se dele e agarrou-o pelo braço.

– Recomponha-se lá. Tem audiência amanhã.

Craig olhou para o guarda com os olhos marejados de lágrimas.

– Não está a entender – protestou, agarrando-lhe a manga.
– O pendente, ela... – Calou-se a tempo, apercebendo-se do que estava prestes a dizer.

A porta abriu-se e o oficial Mellor entrou, os olhos a brilhar de excitada antecipação.

– Sete-um-nove, venha comigo.

Vários meses antes

2

A ENTREVISTA

O golfinho deu um mortal no ar, brincalhão, e depois caiu na água com um *splash*, salpicando de gotas salgadas o fato azul-marinho de Andi, com sapatos a condizer. Ela deu um passo atrás, os saltos a destoar do cimento molhado ao redor da piscina.

A sorrir abertamente, admirou o lugar com ternura, perguntando-se porque é que se tinha mantido distante após o fim do curso. A Universidade Texas A&M era a sua *alma mater*, e o centro de investigação de biologia marinha, em Galveston, o seu lugar predileto. Como aluna, tinha passado todo o seu tempo livre naquela piscina, a nadar com os golfinhos e as raias, a preparar-se para um dia como o de hoje, em que faria parte do grupo de investigadores, não como aluna, mas como investigadora júnior.

Um dia, quem sabe brevemente, seria capaz de chefiar a sua própria equipa, mas esse percurso que planeava já há anos começava ali mesmo, à beira da piscina, numa entrevista presencial que tinha mesmo de superar.

Naquela manhã, passara horas a andar de um lado para o outro, no quarto, em roupa interior, sem se decidir sobre o que deveria vestir. Devia vestir-se formalmente, demonstrando o respeito que a organização merecia? Ou devia voltar aos seus velhos hábitos, com uns calções e uma *T-shirt* por cima do biquíni, esperando, lá no fundo,

que quem a entrevistasse fosse tão entusiasta como ela acerca do mar e dos seus habitantes, o suficiente para que não desse importância ao código de vestuário?

– Só se tem uma hipótese para causar uma boa primeira impressão – aconselhara o seu pai, fazendo a balança pender imediatamente a favor do conjunto de calça e casaco que ela nunca tinha usado. Assentava que nem uma luva no seu corpo esguio, a fazer sobressair o azul dos seus olhos e as madeixas do seu cabelo curto e revoltado, queimadas pelo sol.

Agora, parecia não pertencer àquele lugar onde se sentia tão em casa. Olhou para o relógio e depois para o edifício principal, a perguntar-se se se teria enganado acerca do local da entrevista.

– Deves ser a Andrea – disse uma jovem num tom alegre, depois de atravessar a piscina com umas quantas braçadas em estilo livre, num movimento fluido. Apoiou os cotovelos na borda da piscina e secou o rosto num gesto rápido e desprezioso. – Sou a Marjorie – acrescentou –, a chefe de equipa.

Andrea agachou-se à beira da piscina e apertou a mão da mulher, que pingava.

– Andi, por favor.

– Andi, claro. – Tinha um sorriso franco e afável, que chegava aos seus olhos castanhos. – Podes chamar-me Marj.

O seu sorriso aumentou. Já gostava dela.

– Muito bem, vamos lá conversar um pouco – disse Marj, apoiando as palmas das mãos na borda da piscina, como se estivesse para sair, mas parando a meio. – Podemos falar no gabinete ou aqui, com os golfinhos. – Inclinou a cabeça, bem-disposta. – Por acaso, não terias um fato de banho contigo...?

Andi já estava a desabotoar o casaco, de sorriso estampado no rosto. Pouco depois juntou-se a Marj, na piscina – a sua roupa formal, numa pilha bem dobrada, estava largada num banco –, com um mergulho perfeito, sentindo a refrescante sensação da água salgada na pele quente.

– Estou pronta – afirmou assim que emergiu.

– Deixa-me explicar-te o projeto, em traços gerais. – disse Marj. – Vendo o teu currículo académico, serias uma excelente adição à equipa.

O projeto tem financiamento para dois anos e mede o efeito das mudanças climáticas nos padrões de migração dos golfinhos e no crescimento populacional.

– Excelente – respondeu Andi, com um entusiasmo indisfarçável.
– É a minha cara.

– Também pensei que sim, apesar de teres optado por um tema diferente para o teu projeto final. Leões-marinhos, hein? Aqui no Golfo não há leões-marinhos.

Andi podia jurar que tinha detetado uma nota de arrependimento na voz de Marj. Tinha encontrado uma alma-gêmea, alguém que compartilhava a sua paixão pela vida marinha.

– Particpei num programa de intercâmbio estudantil com a Universidade da Califórnia em San Diego...

– No Scripps?

Ela assentiu.

– Sim, no Instituto de Oceanografia Scripps.

– Não foi um desvio em relação a estudos anteriores?

– Não o vi dessa forma. Nos primeiros três anos dediquei-me à vida marinha, enquanto, no último, aproveitei a oportunidade para estudar em detalhe o seu ambiente, mais concretamente o equilíbrio delicado que assegura que a rica fauna marinha na Terra continue a existir.

– Então, fala-me do teu projeto sobre leões-marinhos. Soube que foi sujeito a uma revisão por pares e que foi publicado. Parabéns!

– Obrigada – respondeu, algo surpreendida.

Marj tinha feito o trabalho de casa. Andi riu-se baixinho e continuou:

– Começou com uma cria de leão-marinho morta que encontrei junto à costa. Era quase adulto e fora morto por uma hélice. Naquele semestre estávamos a estudar os padrões de poluição e pensei em estudar as vibrissas. Queria saber se poderia medir os níveis de metabolização de tóxicos do oceano nos bigodes. – Sorriu timidamente, enquanto olhava, por um breve momento, para a água a marulhar contra a parede da piscina. – Os bigodes dos leões-marinhos não caem, logo, ao contrário do cabelo humano, continuam a crescer ao longo de toda a sua vida, mapeando a história do seu ambiente.

– Calou-se por um momento, recordando-se de quem era Marj. – Mas isto já tu sabes.

– Quem analisou os bigodes em busca de toxinas? – perguntou ela, com os olhos a cintilar de interesse.

– Um laboratório privado que trabalha para farmacêuticas privadas e laboratórios de polícia científica. Tenho um contacto – acrescentou, sentindo as bochechas a pegar fogo. Era como se a sua investigação tivesse menos valor porque tinha tido ajuda para encontrar o laboratório que procedesse às análises. – O doutor Ellefson, o médico-legista chefe do condado de Harris, é um amigo da família. Ele encaminhou-me na direção certa.

Marj continuava muitíssimo interessada, o seu entusiasmo igual ao de Andi.

– O que é que descobriste?

– A cria de leão-marinho tinha estado exposta a vários metais pesados, hidrocarbonetos, plásticos, só para citar alguns. O estudo destacou-se – acrescentou, sentindo-se corar, como acontecia sempre que falava dos seus feitos – porque tínhamos documentado cerca de dois anos de poluição da água no *habitat* dos leões-marinhos, registada cronologicamente no bigode da cria, à medida que esta crescia até atingir a maturidade. Como os círculos num tronco de árvore, se preferires, mas sequenciais, ao invés de concêntricos.

Marj contemplou-a, num olhar longo e apreciativo.

– Isto é incrível. É exatamente este tipo de raciocínio que precisamos de acrescentar à nossa equipa.

Andi não parou de sorrir enquanto voltava para casa, ao volante do seu *Beetle* vermelho e descapotável, a cantar as músicas que passavam na rádio. Às vezes parava para telefonar a Craig, mas ele não estava a atender. Estava morta por contar as boas notícias ao seu marido, mas isso teria que esperar. Ele devia estar com um cliente, a mostrar um imóvel ou nalguma escritura. Eram as únicas alturas em que não atendia as suas chamadas, ou de outra pessoa qualquer.

O seu pai também não estava a atender e ela deixou-lhe uma mensagem animada, antes de voltar a cantar ao som de Maroon 5 e os seus *Beautiful Mistakes*. Corou enquanto se deixava levar pela imaginação ao planear celebrar com Craig a sua carreira futura na cama,

tal como a música sugeria: com champanhe, bem gelado e servido em flutes, se bem que, para ela, uma *Coca-Cola* ou uma cerveja servissem perfeitamente, bebidas diretamente da garrafa gelada.

Andi não tinha recebido uma oferta formal para o cargo de investigadora. Ainda não, mas Marj dissera que ela era a candidata mais promissora, que a sua formação académica encaixava perfeitamente e que a sua paixão era um passaporte para a equipa a que ela se queria juntar. Os passos restantes seriam meras formalidades. Outra entrevista com um professor associado, muito provavelmente com o Prof. Cesar, «O Cesar», alcunha que os alunos tinham dado àquele homem alto e imponente. Ela tinha feito a sua disciplina de Fisiologia Animal Comparada e ele escrevera-lhe a recomendação que abria as portas para o seu ano em San Diego, descrevendo-a como a «sua aluna mais promissora até agora». Andi não estava preocupada com a sua entrevista com O Cesar. Muito provavelmente, não ia passar de uma conversa informal entre um professor e uma antiga aluna, com alguns conselhos à mistura sobre como se esquivar dos perigos de uma carreira académica. Também teriam de verificar os seus antecedentes, mas não tinha nada a esconder nem nada a temer. Preencher alguns formulários a conceder-lhes autorização para verificarem o seu histórico de crédito e solicitar o seu registo criminal. Nada de mais. Sim, nessa noite ela poderia comemorar com champanhe, porque isso deixaria Craig contente – e se ele estivesse feliz, então o mundo dela estava a girar na direção certa.

A música acabou uns segundos antes de ela virar para a sua rua. Viviam no apartamento dele desde que Andi se tinha mudado para lá, assim que terminara o curso. Era um T2 no sétimo andar de um condomínio de luxo na Caroline Street. Tinha os seus encantos, como ser perto do parque Discovery Green e o Toyota Center, sendo fácil dar um passeio ou ir assistir a um jogo de basebol sem ter de conduzir ou de se preocupar com o estacionamento no centro da cidade.

Ela adorava aquele apartamento. Representava a sua transição para um estilo de vida adulto que apreciava profundamente; a passagem de estudante universitária a jovem esposa, loucamente apaixonada, entusiasmada e feliz com cada dia que lhe era dado a viver.